

PRÁTICAS DE LEITURA: a formação do leitor crítico

Modalidade: Comunicação oral

Eixo 5: Formação de leitores de literatura

Denise Mendonça Barbosa
Pedagoga pela Universidade Federal de Juiz de Fora
Professora da rede municipal de ensino de Juiz de Fora
E-mail: denisemb2009@gmail.com

RESUMO

Este texto apresenta um relato de experiência de uma prática de leitura realizada com aluno do segundo ano, do ensino fundamental de uma escola municipal de Juiz de Fora. Esse trabalho teve objetivo de proporcionar aos alunos uma vivência de leitura sobre o tema da preservação do meio ambiente, na sua participação no mundo como cidadão atuante e crítico, o que aponta a necessidade do professor se colocar como o mediador de todo o processo de aprendizagem das crianças. Dessa forma, com base nas orientações apresentadas pelo Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa -PNAIC- foi desenvolvido um projeto com o livro “Tudo por causa do pum?” da autora Maísa Suertegaray. Este livro aborda questões relativas ao meio ambiente, com destaque para o tema do aquecimento global. Assim sendo, foi desenvolvido um trabalho interdisciplinar que integrou a leitura e a disciplina de Ciências. Para tanto, relato, inicialmente, como foi desenvolvida a leitura do livro. Em seguida, apresento os sentidos atribuídos pela turma à história do livro. Por fim, apresento a motivação das crianças e a mudança de comportamento que foram construindo durante o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Leitura. Formação de leitor. Programa Nacional pela alfabetização na Idade Certa.

Abstract: This paper presents a case report of a Reading exercise conducted with second year students of a basic school in the city of Juiz de Fora. The aim of the activity was to provide about the themes of environmental preservation and their presence as conscient and thinking citizens of the world, which pointed to the necessity of the teacher as conductor of the whole learning process of the children. Thus, based on the orientations presented by the Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, (Act for Alphabetization at the Right Age National Program), a project was developed with the book “Tudo por causa do pum?” (“All this because of a fart”?) from author Maísa Suertegaray, which deals with questions related to the global warming. An interdisciplinary work was proposed which integrated reading and the sciences classes. Initially I report how the reading of the book was

approached. Then I present the senses attributed by the class to the story of the book. Finally, I evaluate the motivations of the kids and the change in behavior they acquired during the development of the work.

Keywords: Reading, reading education, Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

INTRODUÇÃO

A compreensão do texto a ser alcançada por uma leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Paulo Freire

Este texto relata uma prática de leitura realizada com alunos do segundo ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Juiz de Fora. Esse trabalho foi desenvolvido com o objetivo de proporcionar aos alunos uma vivência de leitura e a possibilidade de proporcionar a discussão, sobre o tema da preservação do meio ambiente a partir do livro “Tudo por causa do Pum?”¹ que trata dessa temática, enfatizando a problemática do aquecimento global a qual requer atenção e exige atitudes responsáveis por parte de todos.

Em nossa sociedade, a escola exerce um papel fundamental na formação do aluno como leitor, na sua participação no mundo como cidadão atuante e crítico. Dessa forma, entendo a leitura como uma prática social que necessita que o leitor seja crítico e capaz de completar e interpretar as lacunas deixadas pelo texto, o que aponta a necessidade do professor se colocar, efetivamente, como o mediador de todo o processo de aprendizagem das crianças. Dessa forma, com base nas orientações apresentadas pelo Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa -PNAIC- surgiu a necessidade de discutir o tema preservação do meio ambiente sob a ótica do diálogo, do questionamento, da dúvida e do levantamento de hipóteses junto com as crianças. Acreditando que é vivenciando que as crianças aprendem, assim como fala Vigotski,

[...] da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência—sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p.23)

Propor vivências com a turma que motivem questionamentos sobre suas atitudes e de seus familiares em relação ao cuidado que devemos ter com o lugar onde vivemos

¹A história acontece em uma fazenda quando uma das vacas foi levada ao veterinário e descobriu que elas estavam sendo acusadas pelo aquecimento global. As vacas se revoltam. E se fazem valer de seus direitos de serem ouvidas pelos humanos. Questionando se a culpa pelo aquecimento global era somente delas.

contribui para a formação das crianças como cidadãos conscientes de suas ações perante a preservação do meio ambiente, no qual estamos integrados, e como tal requer que tenhamos responsabilidades sobre o que ocorre com o nosso planeta. É importante que reconheçam que as ações humanas geram consequências que, muitas vezes, podem prejudicar toda comunidade, por mais simples que possam parecer. Com esta perspectiva de mobilizar os alunos para que tenham uma prática mais consciente que desenvolvi este projeto.

Com base em algumas reflexões, entendo que quando a criança está em interação com outros sujeitos, seja brincando ou imaginando, seja criando e atribuindo significados e sentidos às suas vivências, está também produzindo cultura e, desta forma, se constituindo como sujeito. Nesse sentido, é através da mediação que ocorre entre as crianças e seus pares e entre adultos, que elas vão construindo seus conceitos, apropriando-se da cultura e se integrando às práticas sociais. O papel do professor, principalmente de escola pública, é aproximar o leitor do texto, atuar como facilitador desta experiência dos alunos, como sujeitos leitores autônomos. Em uma sociedade, como a brasileira, em que há grandes desigualdades sociais e econômicas, este intermédio do professor é fator primordial na conscientização dos direitos da criança. Vigotski, ao entender que o desenvolvimento humano passa pelo outro, afirma que:

É por meio dos outros que nos tornamos nós mesmos e esta regra se aplica não só ao indivíduo como um todo, mas também à história de cada função (psíquica) separadamente. Isso também constitui a essência do processo do desenvolvimento cultural traduzido numa forma puramente lógica. O indivíduo torna-se para si o que ele é em si pelo que ele manifesta aos outros. (VIGOTSKI, 1997, p.105 apud PINO, 2005, p. 66)

O professor para nossas crianças, atua como um dos principais mediadores neste processo de aquisição de leitura, e será ele que proporcionará aos alunos a construção de sentido aos textos trabalhados. Acredito que o principal objetivo da escola é a formação de leitor e, essencialmente, de leitores críticos.

Reflexões de alguns direitos de aprendizagem em ciências naturais

Para pensar sobre o direito de aprendizagem defendido no Programa Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa discutimos a proposta a partir do contexto da não neutralidade das ciências naturais. Sendo concebida pelo programa como um conteúdo que considera a curiosidade das crianças e possibilita os questionamentos, apoiou-se, assim, numa concepção diferente da trabalhada no interior das escolas, a qual trata a ciência como inquestionável, uma ciência pronta e acabada. Um grande conflito, pelo qual a humanidade passa é repensar a relação que mantemos com o meio ambiente. Assim sendo, quanto mais cedo as crianças perceberem que fazem parte da natureza, tanto melhor poderá ser a sua convivência futura.

Frequentemente, as crianças, particularmente as que vivem nos grandes centros urbanos, associam a palavra natureza apenas ao campo, a um sítio, uma fazenda, à praia ou à floresta. Poucas são aquelas que percebem o bairro da escola ou a sua residência como natureza. Mas, é preciso que desde pequenas as crianças compreendam que, ainda

que transformadas pela ação humana, as cidades onde moramos fazem parte da natureza, do ambiente. Assim,

A crença atribuída à ciência, principalmente pela matematização e a formalização dos seus mecanismos de linguagem através do método científico, constitui uma concepção de ciência neutra. Nessa concepção, a atividade científica deve-se limitar à observação e à explicação causal dos fenômenos, uma descrição objetiva da realidade e livre de julgamento de valores sociais, permitindo que a ciência fique fora do alcance de questionamentos em termos de valores sociais e que o conhecimento científico seja constituído com um valor universal, uma verdade absoluta. (FLÔR e ANDRADE 2015)

Foi pensando em romper com a crença dos métodos científicos, que tornaram as ciências como uma verdade absoluta e inquestionável, que propus a leitura do livro “Tudo por causa do pum?”. A história trata da indignação das personagens por serem as únicas responsabilizadas pelo aquecimento global, segundo os veterinários. O inconformismo das personagens com o problema gerado e atribuído a sua causa a elas, nos mobiliza a duvidar de situações impostas como verdadeiras, de nos posicionarmos criticamente diante das circunstâncias que nos são apresentadas. Assim, como diz Freire (1987) de termos uma educação problematizadora, que possibilite o educando dialogar com a realidade. Ler criticamente o que lhe é apresentado, não aceitando passivamente o que dizem ser verdadeiro.

Desta forma, poderemos formar os verdadeiros cidadãos críticos e atuantes, que é o objetivo declarado, pela maioria dos educadores. Para tal, a prática docente precisará ser crítica e dinâmica como fala Freire quando pontua que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p.38). De acordo com este pensamento, é cada vez mais urgente a busca pela promoção de vivências na escola que transformem as atitudes usuais em ações refletidas e questionadas. Desta maneira, o ensino de ciências deverá auxiliar para uma leitura de mundo que colabore nas decisões, de modo crítico e criativo. Procedem, assim, os direitos de aprendizagem:

I. Encantar-se com o mundo e com suas transformações, bem como com as potencialidades humanas de interagir com o mundo e de produzir conhecimento e outros de vida mais humanizados.

II. Ter acesso a informações pertinentes à ciência e conhece-la como processo que envolve curiosidade, busca de explicações por meio de observações, experimentação, registro e comunicação de ideias. (...)

VI. Inventar, perguntar, observar, planejar, testar, avaliar, explicar situações, interagindo socialmente para tomar decisões éticas no cotidiano. (Elementos Conceituais e Metodológicos Para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização 1º, 2º e 3º Anos do Ensino Fundamental. Brasil, 2012, p. 106).

O PNAIC discute que o modo como o ensino de ciência é tratado com neutralidade, desmotiva os alunos do desejo de aprender, pois valorizar a memorização para temas cheio de vida e de exemplos.

Diante dessa apropriação da concepção de neutralidade da ciência em discursos autoritários no ensino de ciências, também as atividades de leitura e escrita em aulas de ciências tendem a restringer a polissemia. Buscam-se, nessas aulas leituras que se aproximem da repetição mnemônica; e os textos são vistos como transparentes, na visão de que há, por trás deles, uma verdade que precisa ser desvelada, desconsiderando assim a produção de sentidos. Nessa visão, o texto tem uma informação científica a ser desvelada e desconsideram-se plenamente as relações, os encantamentos, as ideias que professoras, professores e estudantes já vivenciaram ou que poderiam estabelecer com fenômenos naturais com as representações das ciências. (Elementos Conceituais e Metodológicos Para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização 1º, 2º e 3º Anos do Ensino Fundamental. Brasil, 2012, p. 106).

Refletindo sobre esta realidade vivida nas escolas sobre o ensino de ciência é que propus este projeto, com o intuito de possibilitar a curiosidade e o levantamento de hipóteses pelas crianças.

Desenvolvimento do Projeto:

Iniciei o trabalho apresentando para as crianças as caixas do acervo complementar do PNLD para que tivessem acesso, conhecessem e pudessem escolher os livros que lhes interessassem. Cada criança foi selecionando livremente os títulos dos livros que lhes despertaram a atenção e interesse. Na sequência, os livros foram separados e guardados para serem lidos em outros momentos. Todos folhearam, observaram as ilustrações, algumas crianças leram os títulos e a partir disso, foram escolhidos alguns para serem lidos pela professora.

Em outro momento, já com as escolhas dos livros feitas pelas crianças, em mãos, iniciei o projeto com o livro: “Tudo Por Causa do Pum?” Fizemos um círculo e sentamos no chão da sala de aula e foram realizadas estratégias de antecipação, a partir da exploração dos elementos da capa: Qual o título? Quem é a autora? Quem ilustrou? Levantamento de hipóteses pelas crianças acerca da história. Sobre o que vai contar esta história? Quem serão os personagens? Depois que todos se expressaram, emitindo suas opiniões, nos preparamos para ouvir a história.

Em seguida, realizei a leitura do livro, sob o olhar curioso das crianças. Logo após a leitura, iniciamos uma conversa com as seguintes perguntas: - o que levou as vacas a ficarem revoltadas com os humanos? O que as vacas fizeram para demonstrar sua insatisfação com as pessoas que as acusavam de serem responsáveis pelo aquecimento global?

Após ouvir as respostas e opiniões de todos os alunos, propus algumas estratégias de ações a serem implementadas com a turma, no âmbito da escola. Primeiramente, as crianças levaram algumas perguntas que tratavam sobre o destino que as famílias estavam dando ao lixo produzido em suas casas para serem feitas aos pais A

partir das respostas da entrevista, as crianças relataram para os colegas como é feito o descarte do lixo em suas casas. Observamos que a maioria das casas é atendida pela coleta dos caminhões da prefeitura duas vezes por semana, mas a coleta seletiva dos materiais reciclados não acontece na comunidade. As crianças relataram que alguns catadores de reciclado recolhem papelão e outros materiais antes que o caminhão recolha.

A partir desta constatação, perguntei às crianças quais eram as ideias que elas propunham para melhorar a destinação do lixo na escola e em casa. Uma das possibilidades apontada por elas foi a confecção de cesto colorido com identificação do tipo de lixo que poderia ser jogado neles, o que suscitou outra discussão, sobre a destinação dos resíduos que produzimos na escola e em casa. As crianças passaram a observar que alguns materiais podem ser reaproveitados de uma maneira diferente e que, para isso, estes materiais precisam ser separados adequadamente.

Surgiu então, a possibilidade de separarmos o lixo da sala em recicláveis e não recicláveis. Durante toda semana, fizemos esta separação e ao seu final colocamos todo o lixo separado nas lixeiras que ficam na escola identificadas pela cor e o tipo de material: plástico, vidro, papel, metal e material orgânico. O objetivo mais importante foi que houvesse a percepção pelas crianças do que pode ser reciclado ou reutilizado, e que esse material fosse separado para esta finalidade.

Outra proposta construída com a turma foi usar materiais recicláveis na construção de brinquedos. Para isso foi pedido às crianças que levassem para escola garrafas pet e latas vazias, para confeccionarmos os brinquedos com esses materiais. Logo que os brinquedos ficaram prontos as crianças foram para o pátio brincar.



Figura 1 Crianças com os brinquedos que construíram. Foto tirada em 2014. Acervo pessoal



Figura 2 Crianças em sala de aula separando lixo reciclável. Foto tirada em 2014. Acervo pessoal



Figura 3 Crianças separando lixo: Cada material colocado no recipiente adequado. Foto tirada em 2014. Acervo Pessoal.

Depois de montarmos os brinquedos senti a necessidade de registrar junto com as crianças todo o processo que realizamos para confecção dos mesmos. A partir deste momento, passamos para o gênero textual instrucional, com a escrita no quadro pela

professora, de como fazer a montagem dos brinquedos, o passo a passo. Sendo a professora, a responsável por fazer as anotações no quadro, enquanto as crianças ditavam a ordem para a confecção do pé de lata e do bilboquê.

Neste processo de escrita, fui conversando com as crianças sobre a estrutura do texto que estávamos construindo, as diferenças para o texto da história que foi lida, e para outros textos que já trabalhamos em sala.

Durante conversas sobre o reaproveitamento que foi dado aos materiais na construção dos brinquedos, um aluno relatou que sua mãe aproveitava as cascas do abacaxi para fazer suco. E outros alunos compartilharam que em suas casas as famílias aproveitam materiais na cozinha como talos e cascas de frutas para serem usadas em receitas ou como adubo. Com os alunos demonstrando grande interesse sobre receitas com materiais reaproveitados, combinamos que iríamos pesquisar receitas com as famílias feitas a partir de cascas de frutas, para montarmos um livrinho de receitas culinárias, foram trazidas receitas de: Bolo de casca de banana, sorvete de casca de manga, suco de casca de abacaxi com hortelã, biscoitinho de casca de goiaba. Com todas as receitas organizadas, digitei e montamos um livrinho no qual cada criança recebeu o seu e fez as ilustrações, logo em seguida disseram que levariam para casa e iriam pedir para que um adulto mãe ou avó fizessem as receitas.

O entusiasmo com as receitas foi imenso, então, resolvemos fazer na escola uma das receitas. Para isso, fizemos uma votação e os escolhidos foram o bolo de casca de banana e o suco de casca de abacaxi com hortelã. Programamos para levar os ingredientes necessários para a escola e juntos prepararmos. Para a realização desta etapa, contamos com a colaboração das merendeiras. Todos os alunos de alguma forma participaram deste momento, lendo as receitas, separando os ingredientes e medindo as quantidades. Foi uma atividade muito prazerosa e de grande aprendizagem.

As crianças ficaram felizes em saborear as receitas que elas ajudaram a fazer, e puderam perceber que é possível reaproveitar e reciclar muitos dos materiais que normalmente jogamos fora.

CONSIDERAÇÕES

Este trabalho foi realizado com o intuito de promover uma vivência com a turma, para que as crianças percebessem a responsabilidade que temos com o meio ambiente, que através de atitudes simples, como separar o lixo, faz muita diferença na preservação do meio ambiente. De acordo com a história trabalhada, não basta culpar alguém pelo aquecimento global e pela destruição do planeta. O importante é que todos se conscientizem sobre o compromisso que deve ser assumido por cada um diante da preservação e do cuidado com o planeta. A proposta aqui apresentada tem como objetivo que os alunos sejam capazes de se posicionarem criticamente diante de um texto ou de alguma situação do cotidiano. Considero essencial que as crianças incorporem a questão da classificação do lixo e a sua forma certa de destinação.

A história do livro foi o contexto para a discussão em torno da temática do meio ambiente e o cuidado com os rejeitos de lixo. Observei muita mudança na postura das crianças em relação ao descarte dos materiais.

A partir das contribuições do PNAIC e a aplicação do projeto ficou confirmado que o conteúdo de ciências naturais deva ser compreendido como espaço para pensar, questionar, experimentar e reinventar a vida. Deste modo, foi superado o modelo de transmissão de conhecimento a tempos utilizado pelos métodos tradicionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretária de Educação Básica. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1, 2 e 3 anos) do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2012.

FLÔR, Cristhiane.Cunha; ANDRADE,Guilherme.Trópia.Barreto.**Direitos de Aprendizagem Em Ciências Naturais No Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa**. Revista Educação em Foco, Juiz de Fora, Edição Especial, p. 221-238 Fevereiro de 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____**Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortes, 2005.

VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e criação: ensaio psicológico: livro para professor: apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes**. São Paulo: Ática, 2009